

CARTA MENSAL

WEALTH MANAGEMENT

MARÇO, 2021



Carta Mensal Private

Prezado(a) Cliente,

Torcemos para que você e sua família estejam bem e com saúde.

O mês de março ficou marcado pela aguda piora do quadro sanitário no Brasil, com elevação dos números de casos da Covid-19 e óbitos e pela volta de medidas mais restritivas de circulação. No lado político, houve reforma ministerial com aproximação do governo aos partidos de centro. Na economia, tivemos a elevação da Selic em 75 bps, acima das expectativas da média do mercado, e índices de inflação com resultados ainda elevados.

A movimentação nos principais índices de bolsas foi de alta. Ibovespa subiu 6% no mês, mas fechou o 1º trimestre de 2021 negativo em -2%. Nos EUA, S&P500 fechou março em alta de 4,24% e o trimestre também em alta de 6,45%. A Nasdaq encerrou o mês com alta mais modesta, de 0,41% — por correções nas ações de tecnologia em virtude da alta nas taxas dos títulos americanos de 10 anos — porém, no ano, continua em positivo de 2,93%. DAX da Alemanha e FTSE no Reino Unido encerraram o mês também em alta de 8,86% e 3,5%, respectivamente.

Boa Leitura,

Equipe Fator Wealth Management

CENÁRIO MACROECONÔMICO

PÁG. 2

Descaso com pandemia adia recuperação novamente. Confira a análise completa do economista-chefe do Fator, José Francisco de Lima Gonçalves.

COMENTÁRIOS DE ALOCAÇÃO

PÁG. 3

Nosso Investment Advisor, Thiago Santucci, fala sobre a tendência de alta na taxa de juros e a volta de ativos indexados à Selic ao radar. Os gestores Hugo Monteiro e Gustavo Pondian comentam as performances de seus mercados de atuação em março.

ESTRATÉGIAS DE INVESTIMENTOS

PÁG. 5

Avalie os resultados das Carteiras Modelo de alocação ao longo dos últimos 12 meses e conheça as estratégias adotadas para os perfis Conservador, Moderado, Dinâmico e Arrojado. Converse com o seu Assessor de Investimentos do Fator Wealth Management para mais informações.

CENÁRIO MACROECONÔMICO



JOSÉ FRANCISCO DE LIMA GONÇALVES | ECONOMISTA-CHEFE | BANCO FATOR

Descaso com pandemia adia recuperação novamente

Não apenas as vacinas que não aparecem nas datas e quantidades anunciadas pelo governo, mas a baixa adesão a medidas de distanciamento social, tornaram março e abril o pior período das condições sanitárias do Brasil.

As expectativas são revistas em prazos curtos, na medida em que o adiamento da vacinação e a recusa ao distanciamento ampliam a população passível de contágio, prolongam a permanência de vítimas nas instalações hospitalares, criam escassez de materiais e equipamentos, exaurem os trabalhadores do setor e se realimentam.

A segunda ordem de dificuldades está no encaminhamento do orçamento de 2021. O fortalecimento do Centrão levou à aprovação, pelo Congresso, de peça orçamentária fantástica, inexequível por desconsiderar os limites legais ao gasto em relação a despesas obrigatórias.

Bolsonaro pode sancionar o orçamento e ficar à mercê do Congresso, leia-se Centrão, sob risco de impeachment por crime de responsabilidade fiscal, ou pode vetar a peça e retomar o debate com o Legislativo.

Como quer que o confronto seja superado, o espaço de Bolsonaro foi encolhido também pela solução dada ao tenso desfecho da questão militar e da reforma ministerial em geral.

A piora do ambiente econômico, agravada pelo atrasado, simbólico e modesto auxílio emergencial e pelo início do que parece ser um vigoroso ciclo de alta da Selic, desenham trimestres difíceis adiante. Esta, a terceira ordem de dificuldades.

A quarta está no pano de fundo da economia global. Apesar da continuidade da pandemia na Europa, para não dizer do receio que o mundo passou a ter da transformação do Brasil em epicentro da pandemia, a recuperação da economia americana tem sido vista pelos participantes do mercado como "reflacionária". Reflação que seria fortalecida pelos pacotes fiscais de Biden: o de transferência de renda emergencial, de quase 2 trilhões de dólares, e o de recuperação da economia, com outro tanto.

Tal avaliação aparece na recuperação do dólar e na alta dos rendimentos pagos pelos títulos públicos no mercado americano. Portanto, global. Tal movimento vem se intensificando na medida em que o Fomc (Comitê de Política Monetária do Fed) atribui a alta dos juros à recuperação da confiança, mas não vê ameaça de inflação nem de bolhas de preços de ativos financeiros.

Assim, a perspectiva para tais preços é de alguma redução pela alta da inclinação da curva de juros, embora forte reversão não seja o cenário base. Mas a reversão dos fluxos de capitais que já ocorreu a partir de fevereiro confirma perspectivas de risco em alta. Ou seja, a contribuição da cena internacional para países emergentes é negativa. Para fins de cenário, mantém-se nossa expectativa de dólar forte contra moedas emergentes.

A inflação, disse o Copom, estaria convergindo para as metas, de modo que a política monetária "extraordinariamente" expansionista não teria mais sentido. Mas não só isso.

A alta da Selic foi precedida de choques de câmbio e de preços de commodities, além de preços de energia elétrica. O Copom, apesar de entender que os choques são temporários – como qualquer choque – enxergou risco de desancoragem das expectativas de inflação pela recuperação "consistente" da economia e pelo risco fiscal.

Sabe-se que tal risco consiste na aposta dos participantes do mercado contra a moeda doméstica, isto é, a favor da moeda mundial, pelo receio de que o governo não pague sua dívida em moeda doméstica e/ou os juros (em moeda doméstica).

Apesar do o país ser credor em moeda mundial, ter taxa de câmbio flutuante, e não apresentar necessidades de "financiamento" da conta corrente por bom período adiante, tais participantes privilegiam a busca pela moeda mundial, com seu presumido efeito sobre a inflação.

A fragilidade da demanda corrente dificulta o repasse da pressão de custos (choques) para os preços ao consumidor. Mas o Copom enxergou algo muito discutível. O auxílio emergencial teria sido inflacionário e a recuperação do consumo de bens, em contraste com o de serviços, estaria pressionando a inflação de bens.

Em plena recessão, o Copom decidiu que é preciso conter a demanda – o dólar – para controlar a inflação.

Tal fragilidade tende a piorar nos próximos meses, com a piora da ocupação pelas decisões de produzir e da renda, pelo efeito de queda real da renda das famílias pela aceleração da inflação sem que os rendimentos acompanhem a alta.

A economia não vai recuperar a perda de 2020 em 2021. E a situação fiscal vai piorar, embora a inflação eleve o valor nominal da arrecadação para despesas fixas nesses termos. A preocupação é com o teto de gastos como sinal de longo prazo, não como um resultado pontual. O sinal dado pela aprovação da PEC emergencial não animou muito os participantes do mercado. Muita promessa para depois, nada efetivo hoje.

A tensão descrita acima, global e doméstica, fundamenta dólar alto. Juros reais entre 1% e 2%.

COMENTÁRIOS DE ALOCAÇÃO



THIAGO SANTUCCI DE ALMEIDA | INVESTMENT ADVISOR

Após o Copom elevar em 75 bps a taxa básica de juros em sua última reunião e anunciar pelo menos uma nova alta de 75 bps na próxima, que ocorrerá em maio, ativos indexados à Selic voltam ao nosso radar. Restringimos durante a fase de Selic a 2% as alocações pós-fixadas em CDI para a parcela de liquidez do portfólio e aproveitamos oportunidades pontuais no mercado de crédito, dando maior ênfase à exposição em inflação de vencimentos curtos, inferiores a 5 anos, pois vislumbrávamos a retomada da inflação em algum momento. Com esse novo cenário de Selic que mira juros reais neutros, ou de 1% a 2%, voltaremos a analisar alocações em fundos de crédito com bom carregamento e oportunidades no mercado de recebíveis do agronegócio, setor que segue aquecido neste início de ano.

Ainda vemos oportunidade na bolsa, mas após o forte fluxo do investidor estrangeiro, que tirou o Ibovespa dos 94 mil pontos em outubro e levou até os 120 mil pontos em janeiro, parece que a bolsa brasileira entrou em movimento de lateralidade. Ocorreram algumas trocas setoriais com viés mais otimista para o setor de commodities, mais especificamente minério, papel e celulose, em contrapartida os setores de varejo, aviação e demais atividades foram fortemente impactadas pelo aumento na restrição à circulação de pessoas.

Bolsa brasileira deve seguir apresentando volatilidade enquanto o número de casos e óbitos de Covid-19 não se estabilizar. A vacinação apresentou melhora, a média móvel de 7 dias de vacinação subiu de 220 mil doses no início de março para 700 mil doses diárias no fim do mês, mas ainda abaixo da meta do Ministério da Saúde, que é de 1 milhão de doses diárias. Enquanto a vacinação avança, será possível encontrar oportunidades em fundos imobiliários e ações dos setores de shopping centers e varejo, mas ficará a dúvida das sequelas que esta última quarentena deixará na economia — uma vez que em 2020 o governo injetou R\$ 294 bilhões de auxílio emergencial ante R\$ 44 bilhões que serão distribuídos em 2021. Outras iniciativas para o socorro de pequenas e médias empresas também vêm sendo estudadas.

Nos preocupa no cenário local que quanto mais demoramos a sair da crise sanitária, mais nos aproximamos das incertezas de um cenário eleitoral que promete ser tenso e polarizado em 2022. As reformas administrativa e tributária que eram apostas de melhoras estruturais para o país ficaram em segundo plano com a segunda onda do vírus.

Continuamos *overweight* em fundos multimercados com capacidade de diversificação internacional e gestores ativos — mesmo com aumento de volatilidade e meses negativos que assustam alguns investidores, os gestores são capazes de entregar retornos de longo prazo acima do CDI trazendo diversificação para o portfólio.

COMENTÁRIO
DO GESTOR DE
FUNDOS DE
FUNDOS

HUGO MONTEIRO | FAR – FATOR ADMINISTRAÇÃO DE RECURSOS

O mês de março foi marcado pelas fortes oscilações nos preços dos ativos ao passo em que o mercado ia reagindo em função de uma nova rodada de abertura das taxas de juros americanas, impulsionadas pelo novo pacote de infraestrutura de mais de 2 bilhões de dólares dos Democratas, ritmo de vacinação entre as principais economias, alta de 0,75% na Taxa Selic pelo COPOM e discussões sobre o Orçamento de 2021 no Brasil, enquanto a pandemia da COVID-19 se agrava pelo país. Esses temas devem dominar as principais teses de investimentos nos portfólios e não aparentam que serão superados no horizonte curto de tempo, prevalecendo suas discussões e evoluções ao longo do ano. No Fator Portfólio Plus, nossa principal contribuição de performance no mês foi novamente o SPX Nimitz, o qual segue buscando oportunidades na abertura de taxas de juros de países que devem acompanhar o movimento observado nos EUA e no fortalecimento global do USD. Dentro da classe de Multimercados Macro, os gestores devem seguir se beneficiando desse ambiente de normalização econômica e diferentes políticas fiscais ao redor do mundo. Na classe de Multimercados *Long Bias*, o fundo da Oceana apresentou forte performance no mês após um período mais desafiador para a abordagem de *value investing*, filosofia de investimentos adotada pela gestão. Já a classe de Multimercados *Long&Short*, vem apresentando performance média abaixo do esperado, como ocorreu ano passado, e por esse motivo, estamos optando por reduzir taticamente a exposição e avaliar melhor o momento para esses produtos. O Fator Portfólio Plus fechou o mês com um retorno de 0,44% frente a um CDI de 0,20% e no ano acumula alta de 0,94% frente a um CDI de 0,48% para o mesmo período.

COMENTÁRIO
DO GESTOR DE
RENDA FIXA

GUSTAVO PONDIAN | FAR – FATOR ADMINISTRAÇÃO DE RECURSOS

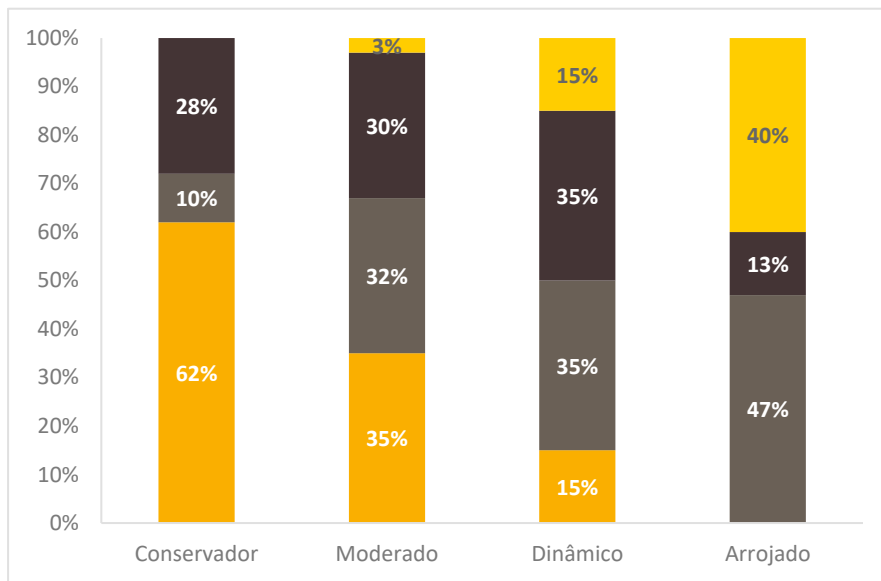
O mês de Março trouxe movimento significativo no mercado de juros, com a sinalização do COPOM de aumento mais intenso na taxa básica de juros do que o anteriormente previsto. Com isso, o mercado de dívida pública apresentou forte volatilidade, o que, teoricamente, também impactaria o mercado de dívida corporativa – crédito privado. Porém, não foi o que vimos no mês: o mercado de debêntures continuou positivo, com bom volume de compra, e somente alguns pequenos ajustes negativos em ativos com prazos mais longos.

O mercado primário está aquecido, com diversas empresas realizando captações com o intuito de alongar os prazos de seu endividamento. Mesmo em um segundo lockdown, continuamos com a visão de que os principais emissores possuem plenas condições de suportar mais um período de paralisação econômica, conforme visto no ano de 2020.

Com relação aos nossos fundos de crédito privado, o mês de Março teve forte impacto negativo da marcação a mercado de um único ativo, que apresentou uma transação absolutamente atípica registrada pela Anbima, o que reflete em todos os fundos que possuem tal ativo. Ressaltamos que não houve nenhum inadimplemento e/ou problema de crédito, sendo este impacto exclusivamente oriundo desta transação.

ALOCAÇÃO ESTRUTURAL RECOMENDADA POR PERFIL DE RISCO

Abaixo, nossa tabela de alocação de ativos (estrutural) por perfil de risco:



Classe de ativo	Conservador	Moderado	Dinâmico	Arrojado
Renda Fixa	62%	35%	15%	0%
Inflação	10%	32%	35%	47%
Multimercados	28%	30%	35%	13%
Renda Variável	0%	3%	15%	40%

ALOCAÇÃO TÁTICA POR CLASSE DE ATIVO

Abaixo, nosso mapa de alocação tática por classe de ativo e comentários:

PÓS-FIXADA (CDI): mantida, sem alteração.

Sugerimos posição concentrada, principalmente, em ativos de risco soberano e alta liquidez para composição de caixa e alocações oportunistas em ativos com risco de crédito com spreads atraentes.

INFLAÇÃO (IPCA): mantida, sem alteração.

No vértice de IPCA a duration é IMA-B 5 (com vencimento até 5 anos).

MULTIMERCADOS: mantida, sem alteração.

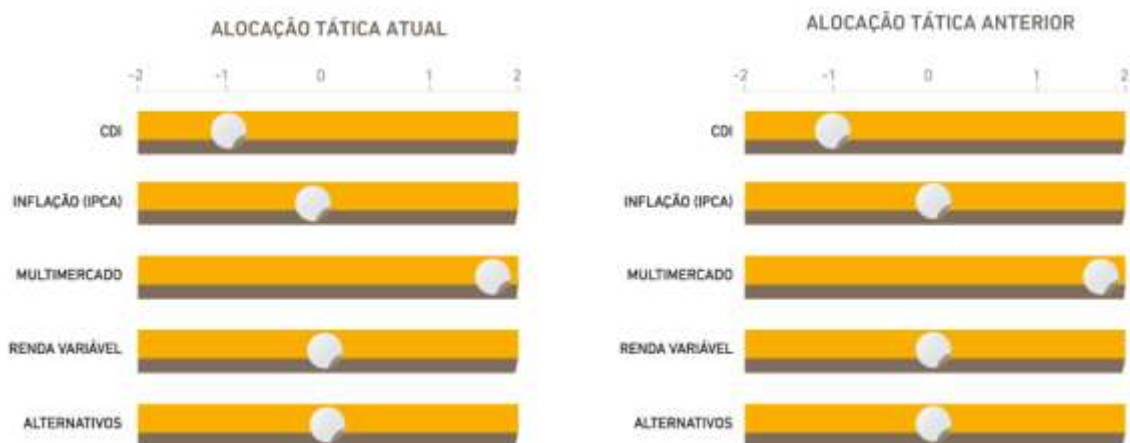
Alocação concentrada nas estratégias Macro com exposição menor em fundos com estratégia Long & Short.

RENDA VARIÁVEL: mantida, sem alteração.

Alocação concentrada nas estratégias long biased, exposição menor em estratégias long only.

ALTERNATIVOS: mantida, sem alteração.

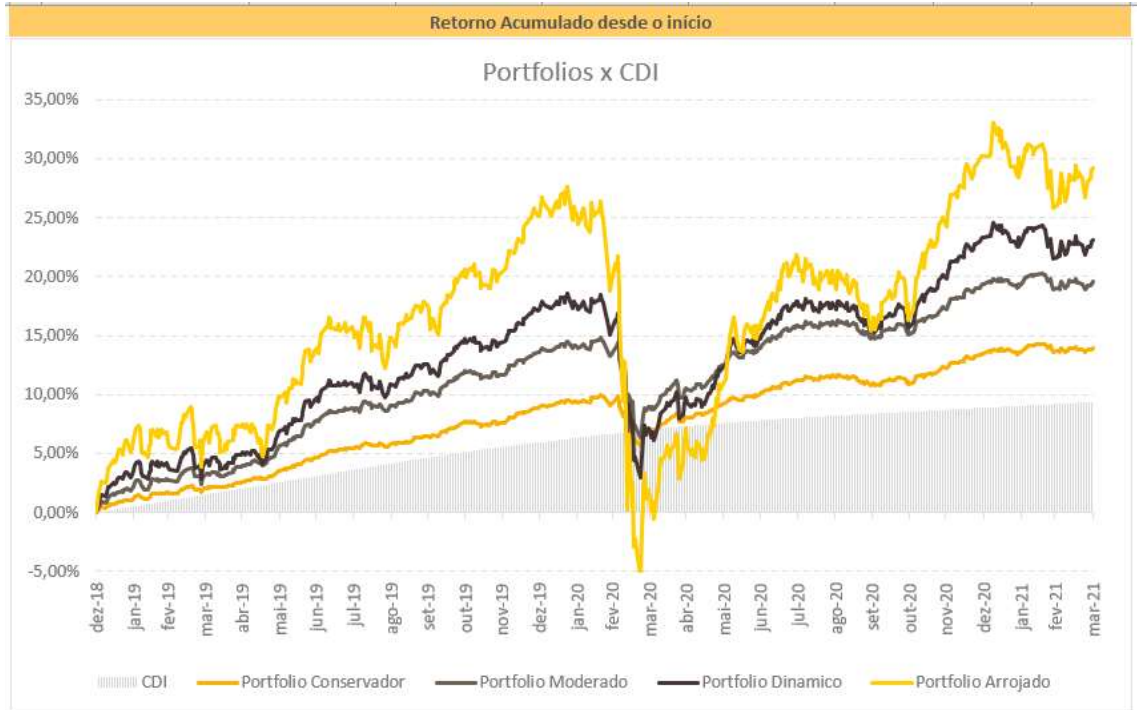
Possibilidade de usar fundos imobiliários para suprir ausência de ativos IPCA na carteira.



RESULTADOS DAS CARTEIRAS MODELO

PERÍODO DE ANÁLISE: DE 02|JAN|2019 A 28|FEV|2021

RESULTADO
PORTFÓLIOS
X
CDI



PORTFÓLIO
CONSERVADOR

Portfólio Conservador													
2019	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez	Ano
Carteira	1,36%	0,32%	0,34%	0,60%	0,93%	1,04%	0,72%	0,40%	0,64%	1,11%	-0,04%	1,18%	8,93%
CDI	0,54%	0,49%	0,47%	0,52%	0,54%	0,47%	0,57%	0,50%	0,47%	0,48%	0,38%	0,38%	5,97%
% do CDI	249,6%	64,5%	72,9%	115,6%	171,6%	221,6%	126,0%	80,0%	137,6%	230,1%	-11,6%	314,1%	149,6%
2020	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez	Ano
Carteira	0,35%	-0,09%	-1,97%	0,95%	1,06%	0,77%	1,04%	0,28%	-0,54%	0,02%	1,20%	1,15%	4,24%
CDI	0,38%	0,39%	0,34%	0,28%	0,24%	0,22%	0,19%	0,16%	0,16%	0,16%	0,15%	0,16%	2,77%
% do CDI	89,5%	-32,2%	-580,0%	331,7%	442,9%	359,3%	532,6%	172,7%	-341,1%	12,2%	800,4%	700,5%	153,1%
2021	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez	Ano
Carteira	0,10%	0,13%	0,34%										0,57%
CDI	0,15%	0,15%	0,20%										0,48%
% do CDI	65,2%	89,1%	171,3%										118,3%



Retornos Acumulados				
	No período	3 meses	6 meses	12 meses
Carteira	13,96%	2,78%	3,57%	4,64%
CDI	9,43%	0,96%	1,47%	3,26%
IMAB	27,16%	4,17%	5,17%	3,42%
FMAM	15,33%	-4,43%	-5,41%	-5,00%
% do CDI	146,9%	290,4%	242,9%	142,2%

Estatísticas	
Risco	
Início Perda Máxima	19/02/2020
Fim Perda Máxima	23/03/2020
Perda Máxima	2,07%
Vol (a.a)	2,35%
Sharpe (a.p)	1,30%

Dados Históricos	
Meses Positivos	22
Meses Negativos	5
Meses acima do CDI	16
Meses abaixo do CDI	11
Maior retorno (mensal)	1,36%
Menor retorno (mensal)	-1,97%

PORTFÓLIO MODERADO

Portfólio Moderado													
2019	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez	Ano
Carteira	2,54%	0,24%	0,34%	0,83%	1,64%	1,91%	0,89%	0,36%	1,10%	1,46%	-0,15%	1,70%	13,60%
CDI	0,54%	0,49%	0,47%	0,52%	0,54%	0,47%	0,57%	0,50%	0,47%	0,48%	0,58%	0,58%	5,97%
% do CDI	466,9%	49,0%	72,0%	160,9%	302,7%	407,5%	157,4%	71,5%	235,4%	302,5%	-39,5%	450,2%	227,9%
2020	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez	Ano
Carteira	0,28%	-0,47%	-3,90%	1,34%	1,83%	1,34%	1,36%	0,16%	-0,80%	0,14%	1,87%	1,79%	5,09%
CDI	0,38%	0,29%	0,34%	0,28%	0,24%	0,22%	0,19%	0,16%	0,16%	0,16%	0,15%	0,16%	2,77%
% do CDI	75,2%	-160,7%	-1.146,9%	471,8%	764,9%	622,2%	803,9%	98,3%	-511,4%	86,5%	1.250,5%	1.089,8%	184,0%
2021	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez	Ano
Carteira	-0,03%	-0,20%	0,55%										0,32%
CDI	0,15%	0,13%	0,20%										0,48%
% do CDI	-21,5%	-145,5%	277,4%										66,4%



Retornos Acumulados	No período	3 meses	6 meses	12 meses
Carteira	19,57%	3,99%	4,94%	5,25%
CDI	9,43%	0,96%	1,47%	3,26%
IMAB	27,16%	4,17%	5,17%	3,42%
IFMM	15,33%	4,43%	5,41%	5,00%
% do CDI	207,6%	417,5%	354,8%	161,0%

Estatísticas	
Risco	
Início Perda Máxima	19/02/2020
Fim Perda Máxima	23/03/2020
Perda Máxima	-4,36%
Vol (a.a)	-4,23%
Sharpe (a.p)	1,60%

Dados Históricos	
Meses Positivos	21
Meses Negativos	6
Meses acima do CDI	15
Meses abaixo do CDI	12
Maior retorno (mensal)	2,54%
Menor retorno (mensal)	-3,90%

PORTFÓLIO DINÂMICO

Portfólio Dinâmico													
2019	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez	Ano
Carteira	3,96%	-0,09%	0,24%	0,92%	1,76%	2,48%	0,96%	0,25%	1,50%	1,68%	-0,07%	2,46%	17,18%
CDI	0,54%	0,49%	0,47%	0,52%	0,54%	0,47%	0,57%	0,50%	0,47%	0,48%	0,38%	0,38%	5,97%
% do CDI	729,2%	-17,3%	50,6%	176,6%	323,9%	528,7%	168,5%	50,3%	321,4%	348,9%	-18,1%	653,7%	287,8%
2020	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez	Ano
Carteira	0,03%	-1,53%	-7,38%	1,23%	3,68%	2,22%	2,42%	-0,15%	-1,32%	-0,02%	3,50%	2,91%	5,24%
CDI	0,38%	0,29%	0,34%	0,28%	0,24%	0,22%	0,19%	0,16%	0,16%	0,16%	0,15%	0,16%	2,77%
% do CDI	8,9%	-520,2%	-2.168,8%	783,7%	1.122,9%	1.032,6%	1.245,6%	-158,9%	-841,1%	13,4%	2.408,8%	1.766,8%	189,5%
2021	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez	Ano
Carteira	-0,48%	-0,79%	1,26%										-0,03%
CDI	0,15%	0,13%	0,20%										0,48%
% do CDI	-320,6%	-589,5%	634,9%										-5,4%



Retornos Acumulados	No período	3 meses	6 meses	12 meses
Carteira	23,09%	6,44%	7,30%	5,05%
CDI	9,43%	0,96%	1,47%	3,26%
IMAB	27,16%	4,17%	5,17%	3,42%
IFMM	15,33%	4,43%	5,41%	5,00%
% do CDI	245,0%	672,9%	495,3%	154,6%

Estatísticas	
Risco	
Início Perda Máxima	23/01/2020
Fim Perda Máxima	23/03/2020
Perda Máxima	8,80%
Vol (a.a)	-7,38%
Sharpe (a.p)	1,24%

Dados Históricos	
Meses Positivos	19
Meses Negativos	8
Meses acima do CDI	15
Meses abaixo do CDI	12
Maior retorno (mensal)	3,96%
Menor retorno (mensal)	-7,38%

PORTFÓLIO ARROJADO

Portfólio Arrojado													
2019	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez	Ano
Carteira	6,65%	-0,54%	0,19%	1,16%	2,10%	3,56%	1,05%	-0,02%	2,39%	1,99%	0,27%	4,06%	25,13%
CDI	0,54%	0,49%	0,47%	0,52%	0,54%	0,47%	0,57%	0,50%	0,47%	0,48%	0,38%	0,38%	5,97%
% do CDI	1.224,4%	-109,5%	41,3%	223,8%	385,3%	759,8%	184,7%	-8,5%	512,9%	414,3%	70,3%	1.076,8%	421,1%
2020	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez	Ano
Carteira	-0,56%	-3,98%	-15,25%	4,48%	4,65%	4,35%	4,34%	-1,33%	-2,42%	0,21%	6,83%	4,80%	4,06%
CDI	0,38%	0,20%	0,34%	0,28%	0,24%	0,22%	0,19%	0,16%	0,16%	0,16%	0,15%	0,16%	2,77%
% do CDI	-148,8%	-1.349,5%	-4.482,2%	1.573,4%	1.946,6%	2.020,7%	2.234,7%	-827,8%	-1.543,3%	134,3%	4.570,6%	2.920,4%	146,9%
2021	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez	Ano
Carteira	-1,33%	-1,96%	2,62%										-0,73%
CDI	0,15%	0,13%	0,20%										0,48%
% do CDI	-886,4%	-1.457,6%	1.319,9%										-151,1%



Retornos Acumulados				
	No período	3 meses	6 meses	12 meses
Carteira	29,17%	11,29%	11,81%	3,23%
CDI	9,43%	0,96%	1,47%	3,26%
IMAB	27,16%	4,17%	5,17%	3,42%
IPMM	15,33%	-4,43%	5,41%	5,00%
% do CDI	309,4%	1.180,3%	800,5%	98,8%

Estatísticas	
Risco	
Início Perda Máxima	23/01/2020
Fim Perda Máxima	23/05/2020
Perda Máxima	19,08%
Vol (a.a)	14,34%
Sharpe (a.p)	0,92%

Dados históricos	
Meses Positivos	18
Meses Negativos	9
Meses acima do CDI	16
Meses abaixo do CDI	11
Maior retorno (mensal)	6,83%
Menor retorno (mensal)	-15,25%



Este material foi desenvolvido pelo Banco Fator S.A. e suas empresas controladas (doravante denominado FATOR) e não pode ser reproduzido, publicado, compartilhado, distribuído ou usado para qualquer outra finalidade sem seu prévio e expresso consentimento. As análises aqui apresentadas baseiam-se em informações de fontes públicas disponíveis no momento da elaboração do material, fechado no dia 09/04/2021. Presentes projeções e análises financeiras são baseadas em estimativas e se destinam apenas a sugerir um potencial intervalo referencial de resultados. Este material tem caráter meramente informativo e não representa oferta de valores mobiliários ou outros instrumentos financeiros. O FATOR não pode assegurar a verificação e a acurácia das referidas informações. O FATOR não se responsabiliza por decisões de investimento tomadas exclusivamente com base nas informações contidas neste material, as quais podem, inclusive, sofrer alterações sem prévia comunicação. Aos investidores é recomendável a leitura cuidadosa do Prospecto e Regulamento dos fundos de investimento ao aplicar seus recursos. Antes de decidir, caberá ao investidor realizar uma avaliação minuciosa do produto e estar ciente e apto a assumir os riscos inerentes aos investimentos. Os clientes devem considerar os relatórios apenas como complemento em seu processo de tomada de decisão de seus investimentos. O FATOR, seus colaboradores e executivos não se responsabilizam e não garantem que os investidores obterão lucros, bem como não se responsabilizam e não aceitam nenhum passivo oriundo de perda ou prejuízo eventualmente provocado pelo uso de parte ou da integralidade do conteúdo destes relatórios. RENTABILIDADE PASSADA NÃO É GARANTIA DE RENTABILIDADE FUTURA. PARA AVALIAÇÃO DA PERFORMANCE DE UM FUNDO DE INVESTIMENTO É RECOMENDÁVEL ANÁLISE DE PERÍODO MÍNIMO DE 12 MESES. AS APLICAÇÕES EM FUNDOS DE INVESTIMENTO NÃO SÃO GARANTIDAS PELO ADMINISTRADOR, PELO GESTOR, NEM POR QUALQUER MECANISMO DE SEGURO OU, AINDA, PELO FGC – FUNDO GARANTIDOR DE CRÉDITO.